

Ligar-se à vida

Ángeles Prieto Barba
Ilustrações de Mario Miranda
e Sonia Salvador Vicente

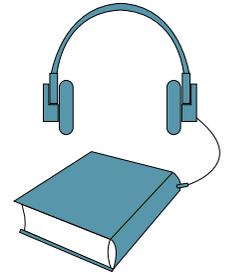
3.º Ciclo



Fundación
MAPFRE

Desfruta deste livro noutros formatos.

Disponível em audiolivro.



Podes ler no teu computador,
telemóvel ou tablet.

Poderás encontrar tudo isto no nosso website.

www.fundacionmapfre.org

Ligar-se à vida, 2015.

Edição portuguesa: 2022

Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula no 3.º Ciclo do Ensino Básico.

O Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Rodoviária da Fundação MAPFRE, dirigida a todos os níveis de ensino. Tem como objetivo promover boas práticas de segurança rodoviária nas escolas.

A edição portuguesa foi elaborada em 2022 fruto de um protocolo de colaboração com a Direção-Geral da Educação, tendo contado com a revisão técnica da APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.

Gestão do projeto: Área de Prevenção e Segurança Rodoviária – Fundação MAPFRE.

Coordenação: Territorio creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.

Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.

Adaptação do design para a versão portuguesa: KICO, Kids Communication Agency.

Revisão técnica da versão portuguesa: APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.

Validação Técnico-pedagógica da versão portuguesa: Direção-Geral da Educação.

© Do texto: Ángeles Prieto Barba.

© Das ilustrações: Mario Miranda e Sonia Salvador Vicente.

© Desta edição:

FUNDACIÓN MAPFRE

Área de Prevenção e Segurança Rodoviária

Paseo de Recoletos, 23

28004 Madrid

www.fundacionmapfre.org

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo nas exceções previstas por lei.

I.S.B.N.: 978-84-9844-547-3

Ligar-se à vida

Ángeles Prieto Barba

Ilustrações de
Mario Miranda
e
Sonia Salvador Vicente

CAPÍTULO I: PRAIA OU MONTANHA

Ao contrário de muitas famílias, todos os anos os Manzanedo iniciavam as férias no mesmo dia. Estas começavam ao mesmo tempo para todos, já que os pais eram professores do secundário. A única diferença era que Jorge ensinava História e a mãe, Amélia, Português. “Uma família com muitas afinidades!”, costumava dizer Virgínia, a única filha. “E demasiados livros!”, respondia Pablo, o seu irmão gémeo.

Na verdade, ainda que os gémeos não se pudessem parecer fisicamente um com o outro, tinham muitas semelhanças com os pais: Pablo tinha herdado o cabelo escuro e encaracolado de Amélia, enquanto Virgínia era loira, como Jorge. E as semelhanças não se limitavam apenas à aparência. Pablo era mais temperamental e carinhoso que Virgínia, acostumada a pensar muito antes de agir. Mas os dois costumavam ser estudiosos e atentos, ainda que ultimamente fosse difícil afastar Pablo do seu novo passatempo: os videojogos.

—Vamos Pablo, não reclames, é graças aos livros que podemos ir de férias. Passámos a tudo!

—Alguns com melhores notas que outros.

—Se não passasses tanto tempo a jogar...

—Para com isso, vamos embora — cortou Pablo.

O autocarro escolar que os levaria para casa estava prestes a partir. Houve alguma agitação, devido ao grande grupo de alunos que queria sair da escola ao mesmo tempo. Mas Pablo e Virgínia não se juntaram a eles e decidiram esperar calmamente, sem furarem a fila e sem saírem do passeio. Há pouco tempo um dos colegas, Julian, caiu para trás nos degraus do autocarro devido à confusão e aos empurrões. O amigo apenas magoou um tornozelo, mas outro, atrás dele, caiu no chão, esfolou o braço e não o partiu por puro milagre. Os vigilantes tentaram pôr ordem:

—Calma, meninos, há espaço para todos. Subam devagar e ponham as mochilas nos compartimentos superiores. Guardem os telemóveis, não se esqueçam que eles podem tornar-se pequenos projéteis se houver uma travagem brusca. Apertem bem os cintos de segurança. Sem gritos, nem música alta e sem atirarem coisas uns aos outros, não distraiam o motorista.

Assim fizeram. Uma vez no autocarro, Pablo decidiu não ligar o telemóvel, para evitar as queixas constantes de Virgínia, e começaram novamente a conversar.

—Tens alguma ideia de onde vamos este ano, mana? Eles disseram-te alguma coisa?

—Nada. Mas espero que o pai não tenha vontade de viajar para muito longe, como nos outros anos em que regressámos em cima do início do novo ano letivo. Vamos viajar, tenho a certeza, acho que não vamos ficar em casa durante todo o verão. O pai ficaria muito nervoso.

—Bem, em breve nos dirão. Eu não me queixo, desde que tenha onde nadar e Wi-Fi.

—E eu também não, se puder andar de bicicleta. Já me conheces.

Pablo e Virgínia moravam nos arredores da cidade, oito paragens depois da escola. Conforme iam avançando, os grandes edifícios e as avenidas davam lugar a rotundas e belos parques, grandes pulmões verdes da cidade, que Virgínia percorria de bicicleta. Depois dos parques, começavam as moradias. Numa delas, Jorge e Amélia já estavam ansiosos à espera deles.

Ao chegarem à paragem do autocarro, desceram pela porta de trás juntamente com outros colegas. Então, esperaram que o autocarro arrancasse e se afastasse para poderem atravessar. A poucos metros de distância, havia uma passadeira, praticamente à porta de casa deles. Atravessavam sempre com cuidado, olhando para a esquerda e para a direita, e de novo para a esquerda, como os pais lhes tinham ensinado quando eram pequenos. A mãe esperava por eles à porta.

—Então, como foram as notas?

—Aqui estão. Eu tenho dois Muito Bom e um Excelente. Mas o Pablo teve apenas três Suficientes.

—Já falaremos sobre Pablo. Tu, para já, aprende a ser menos competitiva —disse Amélia em tom de brincadeira à filha, com um grande sorriso. Na verdade, ela estava muito feliz e orgulhosa dos filhos, que chegaram a casa com fome, de mochilas às costas, com notas magníficas e cheios de vontade de conversar.

Entretanto, na sala de estar, Jorge esperava-os, na expectativa, lendo calmamente o jornal, sem querer mostrar muito interesse ou preocupação com as notas finais. Uma sala de estar cheia de luz que seria muito mais espaçosa se não tivesse quatro confortáveis sofás, um enorme tapete e cinco conjuntos de sólidas prateleiras, cheias de livros, que chegavam ao teto. Não havia espaço para as televisões, que estavam lá em cima, nos quartos. A sala de estar dos Manzanedo era uma espécie de santuário pacífico e sem ruídos: era lá que conversavam, partilhavam ideias e, sobretudo, liam. Os miúdos entraram rapidamente, mas sem fazerem muito barulho, para contarem ao pai as novidades. Assim que o viram, não conseguiram conter-se e exclamaram ao mesmo tempo, como bons gémeos:

—Passámos a tudo, pai!

—Muito bem, filhos, fantástico! Então parece-me que todos ganhamos uma recompensa. Mas, então, não têm nada para me perguntar?

Como sempre foi Virgínia quem tomou a iniciativa.

—Claro! Somos uma família muito viajada e já fomos ao Japão, Egito, Praga, Roma, Londres e à Disney de Paris quando éramos mais pequenos. Aonde vão levar-nos desta vez? Que “novo mundo” vamos descobrir? Qual a cultura que vamos conhecer?

—Bom, é melhor subirem, deixem as mochilas nos quartos, troquem de roupa e vamos comer. Deixemos o mistério para depois.

Assim fizeram. Jorge foi para a cozinha, que tinha ao fundo uma grande mesa para todos e uma porta que dava para um espaço amplo, com piscina e um pomar. Ali, a Amélia plantava flores, hortaliças e verduras nos seus tempos livres. Uma macieira, símbolo da família, um loureiro e uma bela bananeira davam uma boa sombra que, no verão, tornava o espaço muito agradável. Nos últimos dias, era comum encontrar ali a Dona Quitéria, a nova vizinha da moradia ao lado, uma viúva que vivia sozinha, usava roupas extravagantes, um pouco misteriosa, mas simpática, que costumava visitá-los mais tarde, à hora do lanche.

Eram três horas da tarde e os gémeos estavam com fome, então, antes que Jorge acabasse de pôr os pratos e talheres na mesa, os filhos apareceram com os copos e jarras de água, prontos para fazer jus a um almoço que prometia ser delicioso. As famosas lentilhas da Amélia e o peixe assado no forno cheiravam muito bem.

—O primeiro presente para os meus campeões. E como sobremesa especial, para festejar as vossas notas, teremos a vossa tarte de maçã preferida.

—Que bom! Vamos comer tudo!

—Sim, estar de férias, sem horários para cumprir, permite-nos comer sem pressa. É muito melhor.

—Bem, retomando a vossa pergunta, vou fazer-vos outra. O que preferem, praia ou montanha? — perguntou Jorge.

Amélia não deu a sua opinião. Foram os gémeos, como sempre, que responderam em voz alta e ao mesmo tempo. Só que, desta vez, Pablo disse “praia!” sem dúvida alguma, enquanto Virgínia exclamou “montanha!”, com igual entusiasmo, sem hesitar.

—Bom, Jorge, como não estão de acordo, o que vamos fazer? Podes dar-lhes algumas horas para pensarem melhor? —perguntou Amélia.

—Claro, mas despachem-se; só temos até amanhã, ao pequeno-almoço, para tomarmos uma decisão. Pensaremos na bagagem e, à tarde, iremos comprar o que nos falta. Vão preparando as vossas propostas.

Na verdade, o trabalho dos professores Jorge e Amélia não era fácil nem leve. Ocupava-lhes a maior parte do tempo durante o ano letivo. Davam aulas durante toda a manhã e só podiam regressar a casa ao final da tarde: tinham supervisões na biblioteca, preparação de aulas e correção de testes. E este ano letivo, em especial, em que ambos tinham sido nomeados professores coordenadores, sentiam que não tinham passado tempo suficiente com os filhos. Do que sentiam mais falta era das conversas juntos, ao almoço, só possíveis em alguns fins de semana. Porque os jantares eram leves e rápidos, sem muito tempo para conversar; e ao pequeno-almoço ainda menos. Por isso aproveitavam sempre as férias para estarem mais tempo juntos.

Depois da tarte de maçã, Pablo e Virgínia ficaram responsáveis por levantar a mesa. Passaram por água os pratos e os talheres e puseram-nos na máquina da loiça, o que lhes deu tempo para trocarem algumas opiniões.

—Montanha não, Virgínia. Estou prestes a entrar na equipa juvenil de natação. Tenho que treinar.

—Podemos ir a algum sítio com um rio perto onde possas nadar.

—Desses com pedrinhas no fundo, onde se pode escorregar? Claro que não.

—Ir a uma praia é quase o mesmo que ficar aqui. Trocamos a piscina pela praia, nada mais.

—Então ficamos sem férias? Que grande solução.

—Eu nunca andei de bicicleta num trilho, isso sim seria uma mudança e, se formos à montanha, adorava experimentar.

— Um trilho? O que é isso, mana?

—É um longo caminho situado num ambiente natural. Ou seja, sem carros, poluição, nenhum trânsito a motor, destinado apenas a caminhantes e ciclistas. Um ambiente saudável e seguro. Poderia pedalar em total liberdade, sem me preocupar com o trânsito. Normalmente, são caminhos que contemplam

pontes e paisagens maravilhosas. Ou estão perto de escavações arqueológicas, de que o pai tanto gosta. Existem trilhos que podemos percorrer no mesmo dia, outros em dois dias, acampando durante o trajeto e voltando no dia seguinte.

—Está bem, mas nadar nesses lugares, nem pensar.

—Pensa que estarás ao ar livre e exercitarás as pernas. Isso vai fazer-te muito bem. Vamos, não discutas. Vem ao meu quarto para te mostrar folhetos com todos os trilhos que temos aqui perto para que possamos escolher. Anda...

—Mas a praia, o vento fresco do mar, passear pela areia, comer gelados... Tudo isso também é muito bom. E suponho que nesses tais trilhos, Wi-Fi nem pensar, não é?

—Obviamente. Se vamos de bicicleta, nem telemóvel, nem tablet, nem internet. Para quê? A sério, não consigo perceber por que dependemos tanto destes aparelhos.

—Esquece, no final o pai e a mãe é que decidirão.

—Mas antes irão ouvir-nos, já os conhecemos e sabemos como é. E claro que vão aceitar a minha proposta. É muito boa.

—Veremos. Até logo, vou para o meu quarto.

Pablo mal podia esperar para ir para o quarto. Queria ver o que os amigos tinham escrito no Twitter depois das aulas, e tinha pensado numa boa resposta à piada do Julián, o colega que se tinha magoado por não subir como deve ser as escadas do autocarro. Além disso, tinha que continuar o jogo de “Gods and Monsters”, muito giro, mas viciante, onde tinha de eliminar todos os monstros para que o herói pudesse cumprir a sua missão.

Pablo era muito supersticioso, daqueles que nunca passariam por baixo de uma escada, que ficaria de mau humor durante alguns dias caso partisse um espelho, se um gato preto atravessasse à sua frente, ou se visse uma pega ou um corvo numa árvore. Tinha fobia de ouvir certas palavras em voz alta e gostava de tocar em algumas árvores perto da escola, porque achava que lhe davam sorte.

Ganhar os jogos tornou-se uma das suas principais obsessões, embora Pablo não o reconhecesse e dissesse simplesmente que era “o seu momento de relaxamento”, alegando que, dessa forma, libertava adrenalina. Às vezes, incomodava muito Virgínia, no quarto ao lado, porque ligava as colunas de som, e o barulho impedia-a de ler, concentrar-se e estudar.

Nem meia hora tinha passado quando começaram as habituais discussões no andar de cima.

Pablo, baixa o som ou põe os auriculares! — pediu Virgínia — Não consigo ler — E Pablo costumava responder que os auriculares lhe faziam muito calor. Ou que, sem os avisos sonoros do programa não podia jogar. Quando o pai estava por perto, lembrava Pablo de como é importante respeitar os outros.

Na verdade, o facto de Pablo jogar tantas horas seguidas, sentado numa cadeira, era incompatível com a sua querida natação. Ele queria fazer parte da equipa juvenil da cidade e por isso tinha que treinar. Depois de eliminar muitos monstros e poucos deuses, vestiu os calções de banho e foi para a piscina. Além disso, estava muito calor e ele queria refrescar-se para depois beber um sumo de laranja e pensar. Tinha que pensar numa maneira de defender melhor perante Virgínia e os pais, a sua proposta para irem para algum lugar perto da costa. Lá, além de ter Wi-Fi, certamente encontraria alguns amigos com quem poderia passear e comer gelados ao final da tarde. Como são bons esses passeios nas esplanadas e em grandes espaços de areia, onde se pode jogar ténis ou voleibol. Nada como a praia! Um trilho isolado do mundo? Bah! Não havia comparação possível.

De repente, percebeu que alguém tinha estado a trabalhar no jardim, apesar do calor. Ao lado da macieira, a terra tinha sido remexida e formava um montinho. Achou estranho que, apenas um dia antes de partirem, a mãe tivesse plantado sementes que não poderia regar nos dias seguintes.

Ao regressar ao quarto, viu a mãe na cozinha em animada conversa com a vizinha, enquanto Jorge conversava alegremente na sala de estar com Virgínia. E, como pensou que certamente Virgínia estaria a apresentar

os seus motivos para irem à montanha, pensou em fazer o mesmo com Amélia e convencer a mãe do seu ponto de vista. Cruzaram-se no corredor, antes dela subir as escadas.

—Então, só conseguiste três Suficientes nos exames que faltavam, não foi?

—Matemática, Ciências Naturais e Música. Já sabes que as Ciências não são o meu forte e já me contaste que acontecia o mesmo contigo, quando tinhas a minha idade.

—Sim, era muito boa em Letras, por isso empenhava-me mais em estudar Matemática, para poder passar. Era uma questão de dedicar mais tempo e esforço, e não me render. O que tu fazes quando praticas natação. E eu não ficava satisfeita só por passar, porque estudar apenas o mínimo necessário é muito arriscado. Podes reprovar.

—Eu sei mãe, vou tentar esforçar-me mais, prometo. Mas agora quero pedir-te uma coisa...

—Espero bem que sim, confio em ti e na tua capacidade de te esforçares. Diz.

—Este verão quero ir à praia. Preciso de nadar. A mana teve a ideia de irmos todos andar de bicicleta por um desses trilhos, isolados do mundo, no meio do campo. Parece-me uma loucura. E se um lobo perdido nos atacar? Ou se ficarmos sem água e não houver casas perto? Não é melhor irmos à praia noutra cidade? Teremos supermercados, farmácias, cinemas, esplanadas, concertos de música, museus, lugares onde vocês também se poderão divertir... Na praia há mais lazer e diversão, mas também segurança, porque há mais gente. Tenho a certeza de que na montanha, ou num trilho, não encontraremos mais ninguém.

—Que exagerado! Não penses que um trilho é uma ilha deserta, filho. Mas já entendi. Não precisas insistir tanto, Pablo, esta noite falarei com o pai. Mas não te prometo nada, porque a decisão será tomada pelos quatro. Quero que todos estejamos de acordo e felizes com o lugar que vamos visitar. Tenho a certeza que vamos conseguir, como sempre tem acontecido. E é bom que assim seja, pois senão o pai pode decidir levar-nos ao Pólo Norte onde passaremos frio. Ou aos trópicos, onde teremos muito calor. Ou à Austrália, Vietname, México, ou à Índia...

—Está bem, ah! ah! ah! Já chega. Para o pai nada fica demasiado longe.

—Nada. Quando existirem voos interplanetários com destino a Marte, de certeza que também quererá levar-nos lá, ah! ah! ah!

Rapidamente ficou claro que Jorge, o professor dos destinos longínquos e remotos, tinha muita pressa em começar as férias. Já tinha conversado com Amélia. Os miúdos estavam a crescer muito e depressa. Pablo e Virgínia já eram quase da altura de Amélia, e o pai preocupava-se muito com a sua educação, que não consistia apenas em aprender línguas ou matemática. Também em casa deviam ensinar-lhes outras coisas como a comportarem-se e a saberem defender-se, a sentirem-se confiantes e a serem responsáveis, a serem independentes, terem capacidade para tomar decisões e relacionarem-se corretamente com as outras pessoas. Tudo o que lhes faz falta nesta vida para terem sucesso. Coisas que não se aprendem de forma rápida e fácil, mas que exigem muito tempo, paciência, apoio e compreensão. Coisas que só os pais podem ensinar.

Antes do jantar, o pai pediu para que todos fossem à sala de estar. Começou por lhes perguntar se já tinham tomado alguma decisão. E, vendo que os gémeos começavam a discordar, cortou-lhes imediatamente a palavra.

—Já decidi aonde iremos. Tenho a certeza de que vão gostar.

—Brasil?

—Nova Zelândia?

—Burkina Faso, talvez? — sugeriu Amélia a brincar, pois já sabia e estava de acordo.

—Nada disso. Iremos quinze dias à praia e outros quinze para as montanhas. Assim todos ficam felizes. E, como? Perguntam vocês. Pois essa é a melhor parte: há duas horas, aluguei uma autocaravana. Vamos acampar, de modo que, se não gostarmos do lugar que escolhermos, poderemos rapidamente mudar de planos. Nesta viagem também aprenderemos muito. Até agora, temos viajado para longe e temos conhecido outras culturas. Agora vamos conhecer melhor a nossa própria cultura e aprenderemos outras coisas, tão interessantes como úteis.

—Ótimo, ótimo, — exclamou Virgínia, muito contente.

—De acordo, eu não vou reclamar pois terei os meus dias de praia, prometo.

Mais tarde, jantaram tranquilamente uma salada e fruta. Na verdade, estavam todos um pouco nervosos e excitados. No dia seguinte teriam de sair para comprar tudo o que precisavam e ir buscar a autocaravana. Sem ainda a terem visto, cada um imaginava-a à sua maneira. Jorge garantiu-lhes que tinha lugar para quatro pessoas. Mas Amélia não estava convencida que teriam espaço suficiente. Ou se não seria demasiado quente. Pensava que seria melhor levarem tendas, para poderem dormir confortavelmente, ao ar livre, nos parques de campismo.

Antes de irem dormir, foram ao pátio. Nos dias quentes, tinham o hábito de ficar lá algum tempo, bebendo limonada e vendo as estrelas.

—Vamos divertir-nos, Amélia.

Ela apoiou a cabeça no ombro de Jorge e respondeu:

—Divertimo-nos sempre, desde que estejamos juntos. Somos uma grande equipa, meu amor. Sinto-me muito orgulhosa dos nossos filhos.

Então, eles aproximaram-se.

—Nós gostamos muito de vocês.

—E nós também, filhos.

Foi então que Pablo notou que o jardim parecia o mesmo de sempre e que o monte de terra remexida em que tinha reparado à tarde, como se alguém tivesse escavado, tinha desaparecido. Ele achou aquilo muito estranho e quis falar com a mãe, mas, naquele momento, Amélia disse que estava muito cansada e foi para a cama.

À medida que o calor se dissipava, a primeira noite de férias foi passando devagar e de forma muito agradável para os Manzanedo. Apesar da ansiedade, todos conseguiram dormir.

No pátio, alguns grilos começaram a cantar. Uma noite tranquila, se não fosse, lá pelas quatro da manhã, Pablo ter acordado assustado. A sua janela tinha vista para o jardim e, àquela hora, pensou ter ouvido uma pancada forte, como se alguma coisa tivesse caído. Quando olhou para fora, apanhou um grande susto ao ver a sombra de um homem a correr na direção da casa de Quitéria.

Primeiro, certificou-se que não estava a sonhar, e então decidiu avisar os pais imediatamente. Disse a si mesmo que não poderiam ser alucinações, nem mesmo por ter jogado demasiados jogos. Correu a bater na porta do quarto principal.

—Pai, pai, está um intruso no nosso jardim!

—O que estás a dizer, filho?

—Que vi um homem a correr, na direção da casa da Quitéria!

—Vamos lá ver — disse Jorge.

Saiu para verificar o que Pablo lhe tinha dito, e voltou passado algum tempo.

—Filho... Acordei a pobre mulher para nada. Ela disse que ninguém entrou lá. Deves ter tido um pesadelo. Não te preocupes e vamos dormir, que amanhã espera-nos um longo dia.

Pablo obedeceu ao pai, mas estava convencido do que tinha visto. Ainda que não lhe tenha ocorrido relacionar o invasor com o monte de terra que viu à tarde; o que viria a acontecer algumas semanas mais tarde...

No dia seguinte, Virgínia levantou-se cedo, por volta das nove da manhã, e percebeu que todos os membros da família já estavam prontos e o pequeno-almoço servido. Felizmente a casa de banho estava livre. Quando desceu, reparou que Jorge e Pablo não estavam lá; tinham ido buscar a autocaravana.

—Quando eles chegarem, vamos às compras — disse Amélia. Entretanto acaba de tomar o pequeno-almoço e depois vamos ver as roupas que precisamos de levar. Lembra-te que devem ser confortáveis.

Não tinha passado nem meia hora quando o som forte de uma buzina as atraiu para o andar de baixo. Pablo entrou a correr, exultante, muito feliz.

—Não imaginam como é por dentro! É como uma casa, tem tudo! Por favor, venham vê-la.

E lá foram. Não faltava nada na autocaravana!

—Bem-vindas ao palácio, minhas princesas — disse Jorge abrindo a porta.

Virgínia subiu primeiro.

—Uauuu, que incrível! Tem tudo! É como uma casa portátil!

—Sim. Enquanto conduzimos, a mãe e eu iremos sempre à frente. Os vossos lugares são aqui, atrás da mesa e, é claro, têm cintos de segurança. Podem ler, ver televisão que está ali ao lado ou jogar com o que quiserem. Ali, está a cozinha. Não precisamos de trazer nada de casa, exceto os mantimentos. Aliás, vamos comprando os alimentos frescos durante o caminho. Aqui temos quatro beliches e quatro armários, para as roupas. E, ao fundo, atrás dessa porta, é a casa de banho. E fechando a porta, logo ao lado temos uma máquina de lavar e secar roupa.

Teremos de descansar sempre em parques de campismo ou em estações de serviço. É lá que vamos abastecer-nos de gasolina, água e eletricidade, para carregar os telemóveis, o tablet e as máquinas fotográficas. Ah, e tenho de vos mostrar a enorme bagageira. Veem? Cabe tudo. Guardaremos as roupas necessárias para todo o mês. Vamos levar latas de peixe, frutas e vegetais em caixas. Também uma tenda caso queiramos dormir ao ar livre. Cadeiras de praia, um grelhador, um... Que mais? Esqueci-me de alguma coisa?

—De mim — exclamou Dona Quitéria, sem que ninguém soubesse de onde a vizinha tinha vindo.

—Pois, eu convidei-a — explicou Amélia — No primeiro parque de campismo onde vamos parar estão as suas netas e o seu filho, e todos nós adoráramos se a Quitéria pudesse acompanhar-nos, certo?

—Claro — disse Jorge — irá connosco.

—Nem imagina o quanto estou agradecida! Vou para casa preparar a mala e tirar do forno um bolo que acabei de fazer. Amanhã, temos de levar alguma coisa para o caminho!

Quando Quitéria se foi embora, Jorge pediu a todos para entrarem no carro, para irem ao supermercado comprar os mantimentos e tudo o que estivesse em falta. Assim, poderiam sair no dia seguinte.

Foram todos para a garagem. Estava calor e, como a casa dos Manzanedo não era longe do supermercado, Pablo pediu ao pai para ir no lugar da frente.

—Não, Pablo, vais atrás, a possibilidade de sofreres ferimentos em caso de acidente é consideravelmente menor.

Jorge ligou o carro e o ar condicionado. Virgínia aproveitou, como sempre, para fazer outra pergunta, depois de Pablo se sentar ao seu lado.

—Então, pai, qual é o lugar mais seguro de um carro?

—Se levarmos o cinto posto, todos estão bastante seguros. Ajustar o encosto de cabeça também é fundamental. Se ele estiver baixo, subam-no, para que apoie bem a vossa nuca, pois ele protege o pescoço e a cabeça em caso de uma travagem brusca. Ajustaram? Apertaram os cintos?

—Sim, pai. Mas não respondeste à minha pergunta. Eu perguntei qual é o lugar mais seguro de um carro.

—Não é fácil responder a essa pergunta, porque depende de vários fatores... Mas o lugar do meio atrás, onde estás sentada, Virgínia, é em muitos casos a melhor opção. Vamos, antes que fique muito tarde.

—Espero que não — disse Amélia — levo duas listas na mala com tudo o que nos faz falta e, quando chegarmos, dividimo-nos. Nós as duas encarregamo-nos da roupa e da comida. Vocês do resto.

Mas, como previsto, demoraram três horas. Uma máquina fotográfica nova, uma grande caixa de ferramentas, para além de verificarem se levavam tudo o que era necessário no kit de primeiros socorros, o que demorou algum tempo. Cansados de andarem de um lado para o outro, comeram algumas sanduíches e beberam um sumo antes de voltarem para casa.

Foi depois de saírem do Centro Comercial, na estrada que os levava até casa, que o imprevisível aconteceu aos Manzanedo. Jorge travou bruscamente assustando toda a família, especialmente Pablo, que estava a falar ao telemóvel às escondidas. O telemóvel caiu-lhe das mãos e foi parar ao chão.



—Ai!... O que aconteceu? Por que parámos? — exclamou Amélia.

Mas o pai não respondeu e, de imediato, levou o veículo para a berma. Depois de estacionar, Jorge saiu do carro e olhou à sua volta. Dirigiu-se à parte de trás do carro para tirar o triângulo de sinalização que estava guardado na bagageira, depois de vestir o colete refletor.

—Amélia, Virgínia, Pablo, saiam com cuidado, por este lado da berma e ajudem-me. Enquanto ponho o triângulo, por favor, observem a estrada e, sobretudo, aquelas árvores ali à frente e vejam se conseguem descobrir o que era a sombra que, ao virar, me assustou. Se virem alguma coisa, avisem-me. Entretanto não atravessem a estrada.

Não demoraram até descobrir.

—Já o vi. Ali, atrás daquela árvore isolada — apontou Virgínia imediatamente — Parece um animal pequeno, eu vi-o a mexer-se atrás da árvore. —Vou lá apanhá-lo — disse Jorge — Fiquem aqui.

Atravessou enquanto todos o observavam a procurar, sem encontrar nada. Depois, agachou-se, lançou um par de assobios, e estendeu o braço. Tinha sentido alguma coisa. Vinha com uma pequena bola peluda nas mãos.

—É um cachorro muito pequeno! — disse — Aqui está. Olhem como me lambe a mão, como se soubesse que o salvei.

—Deixas-me ficar com ele só um bocadinho? — disse Virgínia com ternura.

—O coitadinho deve estar com muito medo. Está a ganir?

—Claro. Além disso, eu tenho que conduzir. Mas veremos o que fazer com o cachorro. Não temos nada para ele em casa e amanhã temos de partir?

—Faremos tudo o que pudermos — disse Amélia — Só sei que não o podemos deixar aqui sozinho, pois pode ser atropelado por outro carro. De maneira nenhuma.

—Esta é a minha mãe! — exclamou Pablo com orgulho, depois de guardar o telemóvel — De qualquer forma, acho que a primeira coisa a fazer é ir à esquadra da polícia mais próxima, dizer que o encontrámos e perguntar se alguém participou o desaparecimento de um cão.

—Então, vamos, temos que dar a volta — disse Jorge.

—E se não for de ninguém? E se foi abandonado? — comentou Virgínia.

—Pode ser, o verão está a começar e muitas pessoas que, como nós, saem para férias, não querem levar os animais de estimação com eles. Então acabam por os abandonar. Olha, o pobrezinho continua a ganir.

—É melhor irmos primeiro a casa, Jorge — sugeriu Amélia — Não sabemos há quanto tempo está sem comer ou beber. Devemos cuidar dele primeiro. Depois vamos avisar que o encontrámos. Pablo, podes tirar uma fotografia com o teu telemóvel? Temos que entregar uma na esquadra da polícia, para que possam localizá-lo, caso os donos apareçam.

O que se via na fotografia era um focinho muito assustado, envolvido por um monte de pelos negros. Com a cabeça pequena e orelhas curtas e triangulares, sempre direitas, parecia uma rapsinha. Mas o rabo era curto e não parecia ter medo das pessoas. Pelo contrário, parecia estar à vontade com eles. Além disso, estava bastante limpo, tendo em conta o pelo abundante. Parecia que se tinha perdido há pouco tempo e estava muito bem cuidado, pensaram. Ao chegar a casa, Amélia foi procurar algumas caixas de papelão.

—Esta está perfeita! Tenho um cobertor velho para cobrir o fundo que servirá de cama. E vou colocar água nesta tigela.

Foi uma boa ideia, porque o pequeno animal bebeu tudo, cheio de sede. Mas Jorge estava preocupado, pois as crianças estavam a apegar-se a ele, e o animalzinho poderia ter dono. Lentamente, Jorge começou a observar a pele do animal, olhando por baixo do pelo, para ver se tinha um microchip. Mas não encontrou nada. Pensou que talvez fosse um filhote com poucos dias de idade e que, por isso, ainda ninguém o tivesse levado ao veterinário. Então, decidiu que depois de ir à polícia, iria levá-lo à clínica veterinária mais próxima. Era necessário que ele fosse identificado e confirmar a hipótese de poder ter doenças.

Virgínia ofereceu-se imediatamente para o acompanhar, já que Pablo tinha desaparecido para o andar de cima. Todos sabiam que ele tinha ido continuar os seus jogos ou conversar com os amigos para lhes contar o que tinham encontrado.

—Pablo, o teu telemóvel, temos que deixar na esquadra da polícia a fotografia que tirámos!

—Um minuto, por favor, já a imprimo.

Demorou um pouco, mas ali estava a fotografia. Enquanto isso, Amélia tinha dado um pouco de leite ao cachorro. Ela insistiu para que perguntassem ao veterinário o que um animal tão pequeno como aquele poderia comer.

Uma vez na esquadra da polícia, os agentes informaram que, nos últimos dias, ninguém tinha relatado o desaparecimento de um cachorro. O agente, que os recebera com simpatia, ficou com a fotografia.

Então foram à clínica veterinária. Quando chegou a vez deles, bastou olhar para o cachorro para o veterinário ficar todo animado: um Schipperke, que alegria! É a primeira vez que atendo um. Este é um cachorrinho muito especial e parece estar saudável, vamos examiná-lo. O Schipperke vem da Bélgica, onde é muito popular e não aumentará muito de tamanho, esses cachorros não crescem muito. Colocamo-lo nesta maca e vamos observá-lo... Vejamos. Sim, a temperatura está correta, os dentes são saudáveis, os ossos estão bem. Sem microchip. Também não foi vacinado e calculo que tenha duas semanas de vida. A partir da quarta, lembrem-se de o vacinar. Se vierem amanhã, podemos colocar o microchip de identificação.

Depois de tudo isto, chegou o momento tão temido por Virgínia.

—Não podemos vir amanhã, nós vamos viajar — explicou Jorge — Na verdade, ele não é nosso. Encontrámo-lo há algumas horas, perdido numa estrada. Avisámos a polícia que o encontramos, mas ninguém reportou o seu desaparecimento. Onde podemos deixá-lo, quem poderá cuidar dele? Podemos pô-lo no canil municipal, será que têm lugar?

—Mas pai, ele é tão pequeno e está tão só... não poderíamos levá-lo connosco? Tenho a certeza que cabe na autocaravana. Eu responsabilizo-me por tudo, por tudo. Prometo. Dou-lhe de comer, levo-o a passear, dou-lhe banho...

—Virgínia, tens que perceber que, para se ser dono de um animal, é preciso ser muito responsável. Não podes apegar-te a ele, e ele a nós, para depois não te preocupares e não lhe dares a devida atenção. E, o que faremos com ele quando as aulas recomeçarem? A mãe e eu temos que trabalhar e vocês têm de ir à escola. Não pode ficar tanto tempo sozinho. Com quem vamos deixá-lo nessa altura? Não percebes que ficar com ele é uma loucura?

E Jorge teria continuado e continuado... Na verdade, ele pensava que era loucura levá-lo com eles durante as férias que tinha planeado com tanto cuidado, porque alterava todos os planos e porque seria uma catástrofe qualquer acidente que pudesse pôr o animal em perigo. Ele precisava de comida especial, vacinas, vigilância para que não fugisse... Nem sequer tinham uma coleira! Não sabiam como treiná-lo ou cuidar dele. Mas de repente reparou nas lágrimas que corriam pelo rosto de Virgínia, e não suportava vê-la chorar.

Por isso, quando saíram da clínica veterinária, não só levavam o cachorro, identificado com o microchip, nos braços da Virgínia, como também tudo o que era necessário para cuidar dele.

—Bem, por fim terminámos. Está pronto para irmos, olha como está feliz... E nós, cansados e com fome. Anda, vamos para casa. E nunca te esqueças que, caso os donos apareçam, teremos que entregá-lo. Ele não é nosso.

—Mas primeiro terão que provar que são os seus donos, não é? E depois, dar-nos uma boa explicação para o motivo de o termos encontrado perdido na estrada, certo?

A fome de Jorge não durou muito, pois quando chegaram Amélia, Pablo e Quitéria já estavam à espera deles, com a mesa posta. Todos comeram com muita vontade, pois naquele dia tinham gasto muita energia. Especialmente Pablo, depois de jogar videogames durante duas horas seguidas.



—Mataste muitos monstros, filho? — perguntou Jorge — Estou a perguntar-te porque ainda temos que prender as bicicletas no suporte, com a devida sinalização; arrumar todas as caixas de comida, colocar as roupas nos armários, procurar um espaço para o... cachorrinho.

—Não lhe chames cachorrinho, pai. O pobrezinho merece um nome. Olha como está tão quieto, quase que não faz barulho, sempre pensativo...

—Parece um filósofo — disse Pablo.

—Como Sócrates — acrescentou Amélia — Opa, já temos um nome para o cachorro.

—Sócrates? Tão pequenino?

—O verdadeiro Sócrates também era muito baixinho, como eu. Bem, vamos ver se ele gosta deste nome... Sócrates!

O cão levantou a cabeça e olhou fixamente para Amélia. Com as orelhas mais espetadas do que nunca.

—Olha, Sócrates, olha o bonito osso de roer que tenho para ti. Queres?

—Au au!

—Resposta correta. Definitivamente, de agora em diante chamar-se-á Sócrates. Virgínia, prepara a cama que compraram para ele. Coloca a colcha velha no fundo. E leva para a autocaravana tudo o que compraram para o Sócrates. Vamos, porque antes de sair ainda temos um montão de coisas para fazer.

Terminaram em meia hora. Todos os membros da família Manzanedo gostavam muito de trabalhar em equipa. Sabiam que, se todos dedicassem a mesma atenção e esforço, terminariam muito mais depressa qualquer tarefa que lhes tivesse sido atribuída. Na manhã seguinte, levantaram-se cedo e prepararam-se para sair.

Em cerca de três horas e meia chegariam ao primeiro parque de campismo que queriam visitar, onde encontrariam a família de Quitéria. Era um sítio bonito, situado nos arredores da cidade mais próxima. Atrás dos pinheiros, e apenas a duzentos metros de distância, poderiam visitar umas ruínas romanas, cavernas pré-históricas e, ao fundo, algumas das maiores, mais limpas e bonitas praias da Europa.

CAPÍTULO II: PRAIA

Deram de beber a Sócrates antes de sair, mas não de comer. Sabiam que era o melhor para ele, já que teria de aguentar os balanços da viagem durante todo o dia. Teriam de o vigiar com atenção. Tinham-no encontrado há pouco tempo, portanto, estava com eles há poucas horas e poderia escapar durante a noite. Duas horas depois, decidiram parar numa área de serviço para esticarem as pernas. Jorge e Amélia trocaram de lugares. Alternando o tempo ao volante eles conduziam com mais atenção e muito mais calma.

Quando chegaram ao parque de campismo ainda restavam algumas horas antes do pôr-do-sol. Decidiram estacionar a autocaravana um pouco afastada do pinhal, onde a maior parte dos turistas estava concentrada. Com os pinheiros ao fundo a paisagem era esplêndida. À direita, numa colina, estavam os restos daquilo que em tempos foi uma cidade romana. Três colunas coríntias em pé indicavam onde era o templo, o resto parecia terem sido palacetes ou casas. Também havia vestígios da velha estrada. As valas aos lados indicavam por onde corria a água. E outras, mais ao meio, marcavam a rota por onde circulavam as carruagens. Era incrível ver como os romanos também se preocupavam com o trânsito da época. Como, há tantos séculos atrás, o respeito pelos condutores e peões já era importante.

E, ao fundo, a praia. Uma praia com muitos metros de areia limpa e dourada. Perfeita para jogar futebol de praia ou voleibol. Aquele parque de campismo parecia um lugar maravilhoso. Então agradeceram a Quitéria tê-lo recomendado. Ela despediu-se deles alegremente, e dirigiu-se para o pinhal onde a família certamente estaria à espera dela.

Decidiram todos ir nadar antes do anoitecer. Enquanto isso, Virgínia ofereceu-se para ficar com Sócrates no pinhal. Foram a correr trocar de roupa e vestir os fatos de banho. Mas quando Pablo saiu, Sócrates começou a latir. Ele passou a viagem inteira numa caixa de transporte própria para cachorros, no chão da autocaravana, entre os assentos de Pablo e de Virgínia. Estava bem preso e seguro, mas não estava acostumado àquilo. Durante as paragens, foi Pablo quem o tirou e parecia ter-se ligado a ele.

—Bem Virgínia, vai tu com os pais, e eu fico com o Sócrates, não me importo. Assim também poderei conversar com os meus amigos.

—Que vício que tu tens! Não sei se confio em ti. Tem muito cuidado para ele não fugir, por favor. Ele ainda não nos conhece bem e pode assustar-se.

—Não te preocupes. Não podes ir muito longe, não é Sócrates? — disse Pablo.

Quando se foram embora, o pequeno animal começou a latir e a chamar constantemente a atenção de Pablo. Tentou, por todos os meios, que Pablo lhe desse atenção. Sem parar. Até que finalmente, cansado, Pablo pôs o telemóvel de lado. Primeiro tentou dar-lhe água, mas Sócrates não estava com sede. Também não estava com fome. Afinal, o cachorro só queria o mesmo que Pablo: brincar.

Quando Pablo se cansou de distrair o cachorrinho, voltou para o telemóvel e para as suas mensagens. Distraiu-se de tal forma que nem percebeu que Sócrates tinha escapado.

—Sócrates, Sócrates! Onde estás? Volta, por favor! Por que me fazes isto, cachorrinho? — lamentou Pablo.

Meia hora depois, a família voltou do banho de mar. Vinham bem-dispostos e com fome. Virgínia vinha à frente, cheia de vontade de brincar com o cachorro, mas ficou surpreendida ao encontrar a autocaravana em total silêncio. Pablo e Sócrates não estavam lá. Aflita, avisou Jorge e Amélia.

—Calma, o Pablo leva sempre o telemóvel. Vamos ligar-lhe.

Mas ele não atendeu e Jorge decidiu ir procurá-lo.

—A verdade é que não sei por onde começar. Vou dar umas voltas. Virgínia, é melhor tu e a mãe ficarem, caso o Pablo volte com o cachorro. Não saiam daqui.

Pablo ainda não tinha aparecido, ao contrário de Sócrates, que fez uma entrada triunfal nos braços de uma rapariga morena com tranças, muito bonita, da altura da Virgínia e mais ou menos da mesma idade.

—Olá, este cachorrinho é teu?

—Sim, é nosso, chama-se Sócrates, onde o encontraste?

—Atrás dos pinheiros, na areia. Estava a escavar, à procura de alguma coisa. Ele é bonzinho, e comportou-se muito bem. Já perguntei a outras famílias, para ver se encontrava os donos, e felizmente aqui estás tu. Nós temos uma cadela muito maior, já adulta, que se chama Dona e eles estiveram a brincar um com o outro. Bem, toma, tenho que voltar para a minha família.

—Desculpa, como te chamas?

—Chamo-me Irene, Irene Guzmán. Embora todos me conheçam como Irene Duas Rodas. É uma piada do meu pai. Parece que nasci apenas 15 minutos depois da minha mãe entrar em trabalho de parto. Saí disparada para a vida. Um ano e meio depois, aprendi a andar de bicicleta e a patinar, antes de saber falar. Sempre em duas rodas! E tu, como te chamas? Quantos anos tens?

—Chamo-me Virgínia, e tenho treze anos, mas no próximo mês faço catorze — disse Virgínia.

—Para mim faltam apenas alguns dias, estou ansiosa para que chegue o meu aniversário. Este ano vai ser muito especial.

—Obrigada por nos teres procurado e devolvido o nosso cachorrinho. Nem sei como te agradecer. Queres jantar connosco? — convidou Amélia gentilmente.

—Sim, por favor, fica! Gostava muito de encontrar uma amiga nas minhas férias — disse Virgínia — E na próxima vez trazes a tua cadelinha, Dona, para nós a conhecermos. Com certeza sabes muito mais sobre cães do que nós. Acabámos de adoptá-lo e ainda temos pouca experiência.

Entretanto, apareceu Pablo. Parecia muito cansado e preocupado, com a cara lívida.

—Perdi o Sócrates, desculpem-me. Procurei por todo lado, mas não consegui encontrá-lo.

Ficou surpreendido ao ver Virgínia com uma desconhecida, e parecia muito calma. Não sabia que Sócrates já lá estava, porque Amélia tinha-o posto dentro da autocaravana para lhe dar de beber.

—Estás a ouvir, Virgínia? Perdi o Sócrates.

—Não te preocupes, Pablo — disse-lhe a irmã — esta é Irene, também está a passar o verão neste parque de campismo. E tem calma, ela trouxe-nos o Sócrates.

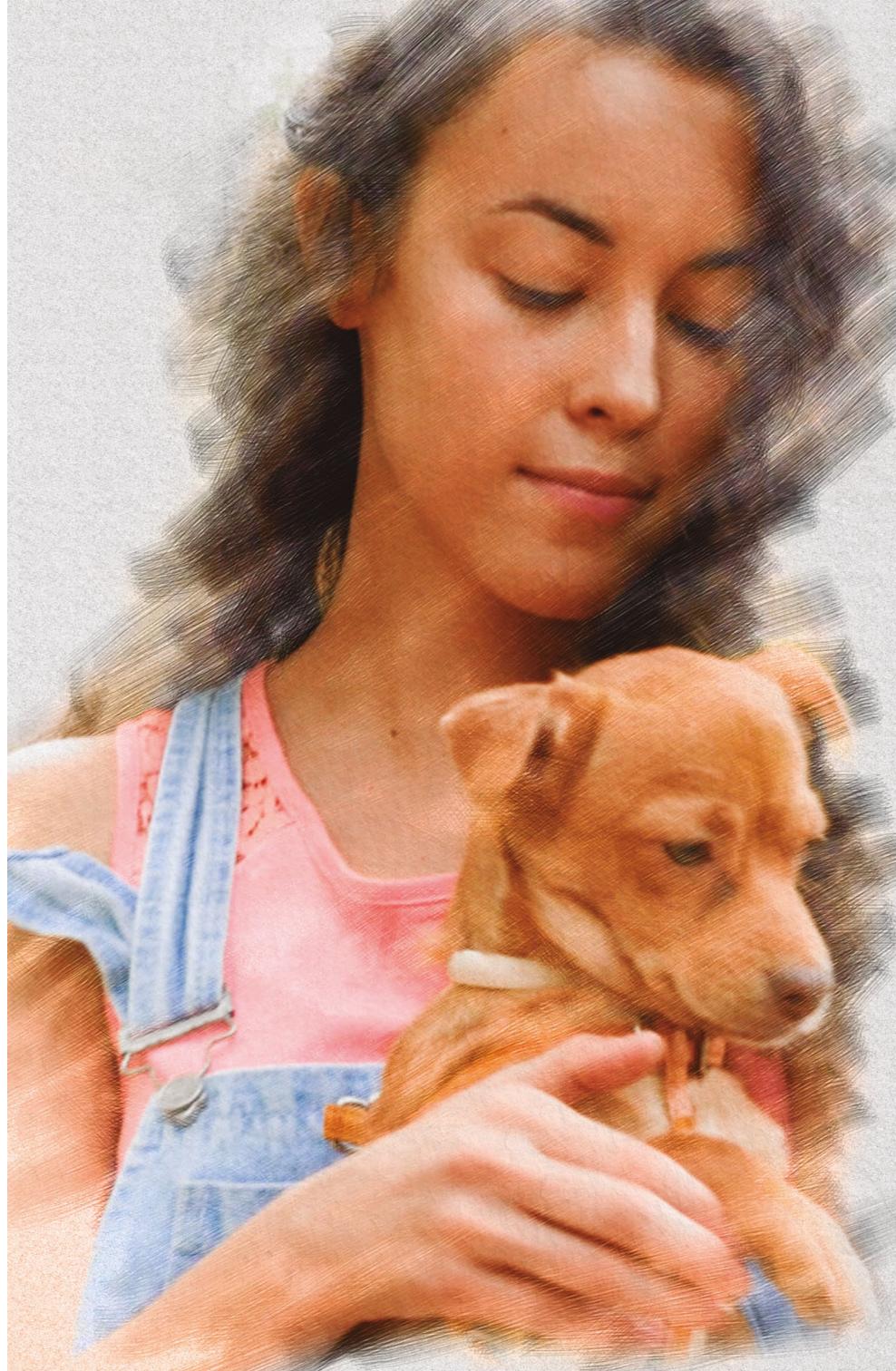
A cara de Pablo iluminou-se quando viu Irene pela primeira vez.

—Ufa, graças a Deus! Eu sou o Pablo, prazer em conhecer-te. Não sei como agradecer-te, fui eu que o perdi. Tiraste-me um peso de cima.

—És irmão ou primo da Virgínia?

—Somos gémeos.

—Ah! Eu ia dizer que vocês parecem ter a mesma idade. Bem, desculpem, mas tenho que ir. Já estou a demorar muito. Não aceito o vosso convite para jantar, pois eu é que quero convidar-vos. Dentro de duas horas, quando a noite cair e estivermos todos aqui no parque, vamos fazer todos um churrasco. Vamos divertir-nos. Temos música, jogos, danças.... Venham! Agora tenho de ir, até logo!



Pablo entrou na autocaravana envergonhado, pedindo desculpa por ter perdido o cachorro.

—Desculpa, pai. Falhei. Mas não vai acontecer outra vez, prometo. Estava a brincar com ele e distraí-me.

—Pablo, espero que isto não aconteça novamente. Esta noite ficas responsável por cuidar dele para que não fuja outra vez.

Amélia entrou exatamente nesse momento.

—Bem, vou dar uma vista de olhos nos alimentos que trouxemos para ver o que podemos levar para o churrasco para que fomos convidados. Quero muito conhecer a família da Quitéria, já que nunca foram visitá-la durante todo este tempo em que vive ao lado de nossa casa. Também acho que devemos comportar-nos como bons vizinhos e agradecer aos pais da Irene. Bem, vamos levar costeletas de porco, pão, pickles e batatas fritas... Também precisamos de alguma coisa para beber. Pablo, podes levar essa caixa de refrigerantes? Ajudas-me?

Pablo ficou feliz. A mãe percebeu imediatamente como ele tinha gostado de Irene. Virgínia também achou que a ideia de um churrasco era excelente. Pôs a coleira a Sócrates e disse que agora ela é que tomaria conta do cachorrinho. Depressa chegaram à zona perto dos pinheiros. Irene correu na direção deles.

—Que bom terem vindo! — disse — Hoje estamos a comemorar, porque a minha avó está connosco. Tinha saudades dela!

—A tua avó?

—Amélia, és tu? Mas, ó mulher, o que estás a fazer? Por que vieste tão carregada? — disse Quitéria.

—Oh, que coincidência. Não acredito! Acabámos de conhecer a tua neta.

—A minha neta mais velha. Vou apresentar-vos a outra, que também anda por aí. Olha, lá vem ela.

E, de imediato, apareceu Blanca, com uma linda Golden Retriever pela coleira, a quem chamavam Dona.

—Oh, que rapariga tão bonita, vocês são irmãs, Irene?

—Não, somos primas — disse Irene — E a preciosidade que ela traz é do pai dela, o meu tio António. É uma cadela-polícia, muito inteligente, dócil e boa. Toma muito bem conta da Blanca, que é muito traquinas. Na verdade, confiamos mais na cadela do que nela, ah! ah! ah!

—Eu que o diga! — disse António — Bem-vindos e prazer em conhecer-vos. Esta é a minha mulher, chama-se Rosa.

Viram logo que os animais se divertiam um com o outro, e que se davam muito bem.

—Oh, que cadelinha fofa. E como se dá bem com o Sócrates! — disse Virgínia — Já contei à Irene que o nosso cachorrinho só está connosco há um dia, pois encontrámo-lo abandonado na estrada. Podem ensinar-me a cuidar dele?

—Eu posso ajudar-te — disse Rosa — Quando o vires a andar em círculos ou a gemer à frente da porta, tens de levá-lo lá fora. Quando acordares, é a primeira coisa que terás que fazer. Em casa, quem cuida menos da Dona é a Irene, porque ela fica a ler até muito tarde e, portanto, não há ninguém que consiga acordá-la.

Todos sorriram com este comentário, mas especialmente Virgínia, que já não se sentia tão estranha por ter descoberto outra leitora como ela. Por isso foi com Pablo pedir a Irene para lhes mostrar o parque de campismo.

—Primeiro, vamos comer, Virgínia, estou com fome...!

—Eu também estou a morrer de fome — disse Pablo, com ênfase, feliz por poder falar com Irene.

Na grande mesa dos veraneantes havia de tudo: saladas, batatas fritas, salsichas, carnes assadas, chouriço, tortilhas de batata, frango assado, empadas e sanduíches de atum. E, ao fundo, estava uma pilha de pratos de plástico para cada um se servir como quisesse. Enquanto Irene encheu o prato com generosidade, tirando de tudo um pouco, Pablo tirou apenas frango e salada.

—Não disseste que estavas a morrer de fome? Pois não parece — comentou Irene.

—Bom, é que a minha mãe habituou-nos a comer pouco ao jantar. Diz que é bem mais saudável. E, realmente, tenho fome, mas pensei que seria melhor não abusar para poder dormir bem esta noite. De certeza que vamos sentir a falta da nossa cama.

Enquanto isso, Virgínia, que estava ao lado deles, ficou em silêncio. De facto, ficou espantada com a inesperada eloquência de Pablo, que parecia falar demais com Irene. Normalmente era tímido, falava muito pouco e estava sempre ao telefone. Com Irene, parecia que o telemóvel não existia ou tinha ficado esquecido. Ficou feliz com isso, mas interveio, pois não queria ficar de lado.

—Bem, Irene, eu também leio muito, como tu. O que estás a ler agora?

—O livro que todos os adultos me recomendaram. Dizem que é perfeito para a nossa idade. Parece-me muito divertido. É um clássico de piratas: “A ilha do Tesouro”.

—Uuuu! — exclamou Pablo.

Virgínia tinha visto o filme e lembrou-se da música. Então cantou: Rum, rum, rum, uma garrafa de rum!

—Estamos numa praia. Piratas e corsários também desembarcaram aqui — disse Pablo — Já imaginaste que aqui, talvez no meio dos pinheiros, pode haver algum tesouro escondido? Estava a pensar nisso quando procurava o Sócrates.

Então Virgínia, muito alarmada, gritou:

—Sócrates, onde está o Sócrates? Ele estava ao meu lado agora mesmo...

Perdeu-o de vista, exatamente como aconteceu ao irmão. Largou a coleira quando estavam à mesa a jantar, e Sócrates fugiu. Pensou que tinha estragado o churrasco de todos. Agora tinham de ir procurá-lo.

—Sócrates, Sócrates!

Mas foi Dona quem respondeu com um latido. Um latido de felicidade, porque Sócrates estava ao lado dela.

—Ufa, menos mal. Vem cá, cachorrinho, eu prometo que nunca mais te perco de vista e não te deixo sozinho.

—Ei, Virgínia. Estes dois dão-se muito bem, onde o encontraste?

—Perdido na estrada que vai do centro comercial para nossa casa, nos arredores da cidade. Foi abandonado.

—Ou pode ter fugido — disse Irene — também há essa possibilidade. Sabes que perto da cidade há uma escola para cães-polícia? Foi onde treinaram a Dona e eu fiquei muito surpreendida ao ver Sócrates, tão pequeno, a escavar tão bem como ela.

—Bem, pode ser. Mas um cão-polícia não deveria ter uma coleira, um microchip ou outra coisa que o identificasse?

—Claro, mas podia pertencer a uma ninhada recente e não ter sido bem controlado. De qualquer forma, ele vem passear connosco amanhã. Ouvi muitas histórias sobre uma caverna aqui perto, queres acompanhar-me para investigarmos? Talvez encontremos um tesouro pirata, ah! ah! ah!

Jorge e Amélia, que estavam a despedir-se dos tios de Irene, chamaram as crianças. Eram horas de voltarem para a autocaravana, para se deitarem e tentarem dormir. O dia tinha sido muito longo, com Sócrates como principal protagonista, e estavam muito cansados.

Mas Pablo queria continuar a conversar e a passear com Irene. Ao lado dela o tempo não passava, corria, e ele queria aproveitá-lo. Ainda bem que Virgínia os tinha apresentado.

—Por favor, pai, deixa-nos conversar mais um pouco.

—Bem, nós vamos com o cachorro. Mas não demorem muito. Amanhã estaremos aqui o dia todo, e terão muito tempo para fazer tudo o que quiserem.

Regressaram muito felizes, graças aos planos misteriosos que tinham feito com Irene para o dia seguinte. Ela queria explorar a fundo aquela caverna. Parece que havia muitas lendas sobre aparições de fantasmas e até mesmo sobre o desaparecimento de crianças. Eles não queriam que

lhes acontecesse nada. Mas ninguém conseguia assustar a Irene Duas Rodas, como ela própria dizia, com histórias da carochinha.

Ao amanhecer, o céu estava escuro, ameaçando chover. E para piorar as coisas, quando se aproximaram da praia, viram que as ondas estavam muito fortes, pelo que irem nadar seria cansativo e perigoso. Jorge e Amélia decidiram que seria melhor ir à cidade para comprar alguns mantimentos, mas os filhos insistiram em ficar lá.

—Pai, importas-te de ir sozinho? Não precisas de te preocupar, podemos ficar com a família da Irene.

—Acabámos de os conhecer, e eu não confio em vocês. Ainda não me sinto à vontade para lhes pedir, para ficarem com vocês. Têm coisas para fazer, como nós, e pode não lhes dar jeito estar atentos aos convidados. Vocês portam-se bem? Ficam sempre com eles? Não desaparecem?

—Sim, prometo — assegurou Virgínia — e, além disso, podemos ficar com o Sócrates. Não é agradável ter que fazer compras e estar atento ao cachorro.

O facto é que Amélia não estava muito convencida, mas Jorge concordou imediatamente em levar a autocaravana para junto da de António e Rosa. Levou-lhes alguns donuts e perguntou não só se poderiam ficar de olho nas crianças, mas também como chegar perto da cidade sem terem que entrar com a autocaravana. Por ser muito grande, seria uma verdadeira dor de cabeça andar com ela por ruas estreitas e encontrar estacionamento.

António concordou em ficar com eles e indicou-lhes uma paragem de autocarro que os deixaria no centro da cidade.

Então, depois de deixar Jorge e Amélia na paragem do autocarro, o grupo formado pelas três crianças e os dois cães dirigiu-se para a caverna. Esta, que já tinha sido muito visitada como ponto turístico, estava agora abandonada, algo que as crianças estranharam assim que entraram. Era espetacular, cheia de estalactites e estalagmites de uma beleza rara que deixava os visitantes sem fôlego. Depois de verem a entrada,

continuaram ao longo de um pequeno caminho de pedra que levava a um lugar gótico, com incríveis jogos de luzes. O som da água a tocar nas estalactites lembrava sinos. Uma coluna no centro e uma espécie de dossel no lado oposto completavam aquela maravilha da natureza. Mas enquanto os Manzanedo apreciavam em êxtase, olhando para tudo, Irene e os cachorros pareciam não se distrair, com os olhos fixos no chão. De vez em quando, Irene apalpava as paredes, procurando uma abertura, uma alavanca ou uma porta.

Depois de saírem de uma parte muito alta, ouviram um ruído nada natural, como se estivessem a arrastar caixas. Os sons ouviam-se cada vez mais alto e próximos.

—Rápido, acho que eles estão a chegar, temos de ir! Pablo, leva o cachorro ao colo, vamos correr! — alertou Irene.

Saíram o mais rapidamente possível, seguindo as recomendações de Irene, que lhes mostrou — vitoriosa — um papel que tinha encontrado no chão, com um endereço.

—Pablo, a Virgínia disse-me que trouxeste o tablet! Podes procurar onde isto fica?

—Com prazer, assim que chegarmos ao acampamento eu procuro. Mas, por que saímos a correr? O que achas que está a acontecer?

—Bandidos — disse Irene — Se contaram histórias estranhas para assustar os visitantes, podem estar a cometer algum crime. Vou falar com o meu tio e o meu pai.

—O teu pai?

—Depois conto-te os pormenores, Pablo. Agora não posso.

—Como quiseres, Irene. De qualquer maneira, esta tarde vou procurar essa morada.

Depois do almoço, não demoraram muito a descobrir onde era o endereço misterioso: Calle del Trocadero, 47. Precisamente num bairro isolado da cidade, situado nos subúrbios, ao lado do cais. Uma área ocupada principalmente por armazéns e garagens, a chamada Zona Alfa.

Irene propôs a Pablo e Virgínia que, para descobrirem o que estava a acontecer, pedissem aos pais que os deixassem sair no dia seguinte. Desta vez, eles não podiam levar os cães, pois teriam de apanhar o autocarro. Depois de muito pensarem, Irene teve uma ideia magnífica.

—Como está nublado, o que acham de dizermos que amanhã gostaríamos de andar de skate? Vejamos: no parque de campismo não dá, porque não há um espaço adequado. E como na estrada é perigoso, só nos resta a cidade. É a desculpa perfeita. Não se preocupem, porque na minha família ninguém vai estranhar: sou campeã de skate, pratico desde criança. Vou dizer-lhes que, como o tempo está mau, vamos andar de patins. Tenho alguns aqui no acampamento, posso ensinar-vos. Então podemos procurar aquele lugar, espiar apenas para saber o que está a acontecer e escapar rapidamente, o que acham?

—Perfeito. Por mim está ótimo — disse Pablo com entusiasmo.

—Mas é melhor passarmos a tarde com os nossos pais — disse Virgínia — Desde que chegámos, temos estado sempre contigo e eles não podem suspeitar. Se soubessem que estamos a fazer uma investigação secreta, não nos deixariam ir, tenho a certeza.

Como o dia seguinte amanheceu nublado, e perante a impossibilidade de irem à praia, deixaram-nos estar com Irene. “Uma miúda muito simpática e inteligente”, pensaram. — E é bom que conheçam outras crianças da idade deles e que façam amigos — disse Amélia a Jorge — Especialmente Pablo, prefiro que saia com amigos durante toda a tarde do que fique trancado no quarto, a jogar no tablet.

Depois do pequeno-almoço, os três apanharam o autocarro, vestindo calções e equipados com cotovelleiras e joelheiras. Irene tinha-se responsabilizado por encontrar capacetes e patins para todos.

Logo à entrada da cidade, e não muito longe da Zona Alfa, havia uma pista feita especialmente para andar de skate, onde treinavam os melhores da cidade, alguns deles campeões nacionais. Então, antes de irem ver o que havia no endereço estranho, Irene sugeriu que vissem a pista e praticassem um pouco. Se alguém descobrisse que eles estavam a espiar e tivessem

que sair de lá, com certeza seria melhor com patins do que a pé — disse Virgínia — pois escapariam mais rapidamente.

—Como não tinha a certeza se vocês conseguiam andar, trouxe-vos patins que dão mais estabilidade e menos hipóteses de caírem. A primeira regra é nunca andar sobre rodas sem capacete, por muito calor que esteja nesse momento. Seja de patins, bicicleta ou mota, sempre com capacete. Para andar 50 metros ou 200 quilómetros, não importa, temos sempre que o usar.

—Vejam, eu trouxe bons capacetes. Na verdade, eu nunca usaria um daqueles que não são homologados para este tipo de atividade e não protegem nada. É melhor um destes. Veem? O casco é rígido, com espuma de alta densidade no interior, não aperta demasiado e também não se move. E também tem viseira para proteger os olhos. Se não estiver preso, o capacete não serve para nada, porque não protege. Eu também gosto deste por causa da cor vermelha brilhante, para que me vejam melhor.

—Eu também uso sempre, Irene, porque ando de bicicleta com frequência — disse Virgínia — Gostei desse teu conselho de usar uma viseira. Apesar de geralmente usar óculos de sol, vou pensar nisso. Uma viseira protegerá muito melhor a minha cara.

—Muito bem, Virgínia. Bom, agora vou explicar-vos os movimentos dos patins, para podermos praticar antes. Existem duas técnicas: andar em twist e andar em tesoura. O primeiro é mais fácil. Além disso, é o movimento ideal para patins como estes que trouxemos. Devemos apenas dar impulso com as pernas e, em seguida, balançar o corpo de um lado para o outro para avançarmos. Assim ganhamos velocidade. Vamos praticar... balançar e agachar, como se dançássemos o twist. Olha, muito bem!

Ambos passaram no teste. Divertiram-se muito. Mas ao fim de vinte minutos, a Irene decidiu mudar.

—Vou mostrar-vos mais um movimento — disse — Chama-se posição de tesoura. É mais complicada, porque temos de mexer as pernas de dentro para fora, e por isso chama-se tesoura. Vejam... Virgínia, tu estás a fazer bem. Pablo, tu tens que praticar mais. Tens mais jeito para o twist!

Resumindo, a experiência foi incrível. Patinaram mais de dois quilômetros e, felizmente, ninguém caiu. Mas não se tinham esquecido do que vinham fazer. Como a manhã estava a terminar foram cumprir o plano deles. Chegaram à Zona Alfa, um lugar muito isolado, onde encontraram um grande armazém fechado com enormes cadeados.

—Temos de esperar — disse a Irene — É melhor escondermo-nos atrás destes arbustos.

Não tiveram de esperar muito, pois rapidamente chegou um camião e as portas do armazém abriram-se, saindo de lá quatro homens suados que carregavam grandes caixas. Ao vê-las, Irene não teve a menor dúvida.

—Entendi! — exclamou Irene discretamente — Para mim, estes bandidos estão a fazer contrabando. Primeiro, eles trazem as mercadorias de barco até à praia, escondem-nas na caverna e depois mudam-nas para aqui, bem escondidas, para as distribuírem e venderem mais tarde. É muito claro!

—Aí! — exclamou Virgínia, depois de se magoar no matagal.

—Vamos, temos de fugir! Peguem nos patins, malta, temos que sair daqui depressa.

Foi o que eles fizeram, a toda a velocidade. Ainda bem que os carregadores estavam dentro do armazém e demoraram a aperceber-se da presença deles. Quando isso aconteceu, as crianças viraram na esquina. Assim, como só viram crianças com pressa não deram importância.

Regressaram entusiasmados, orgulhosos das suas capacidades de detetive. Estavam quase a contar a todos, mas Irene avisou-os que só deveriam contar ao pai dela.

—Em breve vou apresentá-lo, prometo.

Os dias passaram muito rapidamente. Nunca estavam parados e com a Irene o tempo passava a voar. Os três tornaram-se amigos inseparáveis. Ficaram muito tristes quando Jorge lhes anunciou que as férias na praia terminariam dentro de dois dias e que iriam para um parque de campismo na montanha, como tinham combinado. Tinham encontrado outro

parque de campismo muito bonito, não muito longe deste. Além disso, era muito perto de um desses trilhos que Virgínia tanto queria conhecer.

Perante esta notícia Pablo reclamou imediatamente.

—Por que temos de mudar de lugar, se estamos tão bem aqui? — disse aborrecido.

—Vá lá, Pablo, também nos demos muito bem com o António e a Rosa, mas temos alguns planos e uma reserva para o outro parque de campismo. Combinámos ir à praia, mas também à montanha. Dentro de dois dias, temos de mudar. Não te preocupes, também vamos gostar do outro sítio. Podes manter-te em contacto com a Irene e contar-lhe como está a ser bom.

—Mas não é justo. A Virgínia e eu acabámos de a conhecer, já somos amigos. E agora, quando estamos a divertir-nos bastante, temos que partir... Não podemos cancelar essa reserva e ficar aqui?

—Pensa na tua irmã, Pablo, a maior vontade dela é andar de bicicleta num trilho. Prometi-lho e vou cumprir.

—Não, não, não. Não quero ir.

Com raiva, Pablo trancou-se na autocaravana e ligou o computador. E não voltou a sair. Naquela tarde, irritado e um bocado triste, acabou o jogo de “Gods and Monsters”, o tal que tinha esquecido completamente durante as férias.

CAPÍTULO III. MONTANHA

Quando chegaram ao parque de campismo da montanha, Jorge e Amélia ficaram surpreendidos por ser tão diferente do outro. Neste parque de campismo era possível praticar todos os tipos de atividades: tiro ao arco, hipismo, slide... E, ao lado, havia um rio onde podiam ir nadar. Sentiram-se tão bem a fazer caminhadas, a nadar e a pescar, que só no final da estadia é que decidiram ir ao trilho com que Virgínia estava tão entusiasmada.

O trilho que ficava perto do parque de campismo foi criado aproveitando o encerramento de uma linha ferroviária. Passava por uma bonita serra com rios, pinheiros, pontes, muitos túneis e uma das melhores colónias de aves do mundo. Por isso é que Jorge levava bons binóculos consigo na autocaravana. Esperava encontrar espécies que nunca tivesse visto antes. O que o professor mais queria era ver um “Ibis eremita”, um pássaro de aspeto estranho, de exuberante plumagem preta e bico vermelho, que estava em sério risco de extinção. Mas se Jorge já estava satisfeito, a sua filha Virgínia, então, estava radiante. Os dias que passou a cuidar de Sócrates despertaram nela aquela que acreditava ser a sua verdadeira vocação: ser veterinária. Tinha decidido: gostava muito de cães e parecia ter um dom especial com eles. A oportunidade de conhecer diferentes espécies de aves também começava a animá-la. Tudo era novo para ela, e quanto mais perto chegava do mundo dos animais, mais ficava atraída.

Por outro lado, Amélia sentia-se ótima: a viver ao ar livre, longe de toda a poluição, podendo exercitar-se e respirar ar puro.

Tudo teria sido perfeito se não fosse Pablo. Apesar da animação da família, Pablo ainda estava triste. Sentia falta da Irene e daqueles dias que passaram juntos, nos quais se sentiu como um pirata, um espião, um patinador, um informático e até mesmo um guarda-costas, porque gostava de estar com ela e protegê-la. Foi muito triste ter de lhe dizer adeus tão de repente, de um dia para o outro com um “vamos falar por mensagem”, ou “não tivemos tempo para conhecer o teu pai”, ou “há muito tempo que não me divertia tanto...”

Depois daqueles dias fantásticos em que esteve disponível, carinhoso, conversador e brincalhão, agora era muito difícil fazê-lo conversar e participar na organização das atividades do dia-a-dia. Disse simplesmente que sentia falta da Irene e que estava muito triste por não poder vê-la.

Para o animarem, começaram a arranjar as bicicletas. Primeiro, lavaram-nas com uma mangueira, pois apanharam muita poeira na estrada. Depois verificaram cuidadosamente os travões e as rodas, a pressão dos pneus, ajustaram as mudanças e lubrificaram a corrente. Finalmente, ajustaram os selins, limparam as garrafas de água e certificaram-se que levavam um saco com peças sobresselentes, caso algo corresse mal. Entretanto, Pablo cuidava de Sócrates. Ele também se apegou muito ao cachorrinho, que já não era assim tão pequeno. Crescia a cada dia que passava.

No dia seguinte, Jorge, Virgínia e Pablo — que finalmente decidiu ir com eles — foram para o trilho. Decidiram que Amélia ficaria a cuidar de Sócrates na autocaravana. Ao final da tarde, ela iria ter com eles a uma estrada de acesso, situada a meio do caminho. Então, com as bicicletas preparadas, água e mantimentos suficientes, decidiram partir.

Puseram os capacetes e saíram para a estrada antes de entrarem no trilho. Jorge ia à frente, e os irmãos atrás, em fila indiana. Ao fim de algum tempo, os filhos viram-no a esticar o braço movendo-o para cima e para baixo com segurança e rapidez, antes de ir para a berma. Os garotos perceberam o sinal: ele precisava de abrandar para parar e apertar bem os sapatos.

Voltaram então para a estrada até chegarem ao início do trilho, onde teriam de virar à direita. Para isso, Jorge também os informou da manobra com tempo suficiente, desta vez com o braço direito na horizontal. Os gémeos seguiram-no rapidamente e aliviados, pois, no final daquele caminho de terra, encontrariam o início de outro caminho onde não havia trânsito automóvel. Sem sinais, sem polícias, sem semáforos; apenas eles, as bicicletas e os pássaros.

Ao fim de duas horas, andar pelo trilho revelou-se ainda mais bonito do que Virgínia tinha imaginado. As árvores davam sombra, inúmeros pássaros cantavam e o céu estava completamente azul, sem uma única nuvem, o que lhes dava uma luz extraordinária. Sentiram-se cansados e decidiram parar. Queriam beber um sumo e admirar a fauna e a paisagem com os binóculos. Numa árvore ali perto havia um ninho. Jorge e Virgínia foram vê-lo, mas Pablo não se interessou e decidiu esperar por eles sentado debaixo de uma árvore. Apoiou nela a bicicleta e, ao fim de algum tempo, sentiu-se observado.

—Ei, tu, miúdo, o da bicicleta. Queres ganhar algum dinheiro? Dá-me a tua bicicleta.

—O quê?

—Tanto faz, vou levá-la. Faz-me falta.

E, sem mais nem menos, o estranho subiu para a bicicleta e afastou-se. Sem tempo de reagir, sem hipótese de confrontar um adulto, Pablo deixou-o ir ficando completamente imóvel. Só conseguiu gritar “ladrão!” o mais alto possível, para avisar o pai.

Jorge e Virgínia apareceram imediatamente.

—Mas, o que aconteceu, Pablo?

—Roubaram-me a bicicleta bem debaixo do meu nariz! Meu Deus! Não consigo acreditar, foi tudo tão rápido.

—Bem, não vou deixar-vos sozinhos para tentar apanhá-lo. Não posso arriscar — disse Jorge. Sinto muito pela bicicleta e pela caminhada que nos espera, mas o que podemos fazer? Isto altera os planos. Temos de continuar a alternar as bicicletas para que não fiquemos demasiado



cansados, mas um de nós terá que continuar a pé. Venham. Eu vou a andar neste primeiro trecho.

Após meia hora de caminhada, encontraram outra grande surpresa. Ainda bem que tinham continuado. Esta nova aparição surgiu sob a forma de uma moto, conduzida a grande velocidade, por um homem com capacete e uma senhora atrás. Conheciam bem a senhora: era Quitéria, a avó de Irene, que desceu da moto.

—Ei, vocês! Parem! Por acaso, não viram um ladrão no caminho, viram?
—Que alegria vê-la, Quitéria. Que coincidência! O Pablo foi roubado, por isso vamos tão devagar.
—Eu vou atrás dele, até já — disse o motociclista.

Juntaram-se todos à volta de Quitéria. Muitas perguntas.

—Mas vejamos, Quitéria — disse-lhe Virgínia — como é que vieram de moto, se estamos num trilho e isso é proibido?
—Pois, não estava na praia a acampar com a sua família? O que está a fazer aqui? — perguntou Jorge.
—E como está Irene? — perguntou Pablo imediatamente.
—Calma, calma, vamos andando e responderei a todas as perguntas no caminho. Tenho a certeza de que o meu filho vai voltar depressa, o que ainda não conheceram e que estava na moto.
—Por acaso, não é o pai da Irene? — disse Pablo, muito intrigado.
—Sim, ele mesmo, aquele que resolve absolutamente tudo.

Retomaram o caminho e, duas horas depois, pararam para comer um pouco e beber água. Quitéria não parecia muito cansada. Quando iam começar a andar, apareceu na estrada uma carrinha da polícia, o que fez Quitéria sorrir.

—Este é o meu Tomás. Já está aqui para nos resgatar.

Quando a carrinha parou, dirigiu-se-lhe apressadamente para perguntar.

—Então filho, como foi?

—Detido e preso. Já não era sem tempo. Ando há um mês a vigiá-lo para poder apanhá-lo, nas suas idas e vindas ao esconderijo que era aqui, num trilho. Ele planeou construir uma fábrica ilegal de componentes eletrónicos, aproveitando uma estação abandonada. Ainda bem que a Irene me deu uma pista quando me contou sobre a caverna e o armazém de distribuição clandestino. Quem dera a Sherlock Holmes ter uma família como a nossa! Já agora — disse ele, olhando para Pablo — as minhas desculpas, jovem. Para que me perdoes, trago a tua bicicleta na carrinha.
—Desculpar porquê? — perguntou Pablo, muito intrigado
—Por te assustar. Fui eu quem tu viste a correr no jardim na noite anterior à vossa partida para férias. Eu andava atrás deste homem e pensei que ele estava em casa da minha mãe, com quem estava a tentar envolver-se, e era perigoso. Ele estava armado e tínhamos de proteger a nossa e a vossa família. Ninguém podia saber que eu estava a viver com a minha mãe naquela altura, pois tinha de o vigiar, e foi por isso que ela não pode dizer-te a verdade

Fizeste muito bem em não o enfrentar quando roubou a tua bicicleta: parabéns! Agora, ele já está preso. A situação dele ainda vai piorar quando descobriremos sobre as joias, que suspeitamos também contrabandeia. Bem, se quiserem, posso contar-vos todos os detalhes da história, mas é melhor irmos para casa, não acham? Além disso, disseram-me que duas mulheres muito bonitas e uma autocaravana nos esperam no final do trilho. Então, entrem todos, foi por isso que eu trouxe a carrinha, vamos lá!

No final da estrada de saída, viram a autocaravana deles. Cá fora, Amélia abraçava Sócrates enquanto olhava para a estrada, à espera que eles chegassem. Uma jovem ao lado dela tirou o capacete, deixando cair uma longa e negra quantidade de cabelos encaracolados. Vê-la ali fez com que Pablo sorrisse imediatamente, pois não era outra, senão Irene Duas Rodas, com o seu inseparável capacete, com uma scooter ao seu lado.

—Oláááá!

—Aí meu Deus, é a Irene! Que bommm! — gritaram Pablo e Virgínia ao mesmo tempo, correndo para a abraçarem.

—Senti muito a vossa falta. Que bom encontrarmo-nos de novo. O que acharam do meu pai?

—Admirável, quero ser como ele — disse Pablo.

—Eu também, Pablo. Tenho novidades. Como já tinha dito, há uns dias foi o meu aniversário. O melhor presente foi esta scooter vermelha que o meu pai me deu. Não é linda? Como fiz catorze anos, consegui tirar a carta de condução para poder usá-la. Estive muito ocupada, a estudar para passar nos exames teóricos e práticos. E vocês, sem falar no bandido, como foi o passeio?

—Muito bom — respondeu Virgínia — Há uma colónia de aves incrível e observámos muitos tipos de pássaros durante o caminho. A paisagem é impressionante, há rios para pescar, pontes, estações.... É um lugar maravilhoso.

—Que bom, parece ótimo. Agora que já acabou tudo, podemos vir juntos outro dia? — perguntou Irene.

—Claro, mas de bicicleta. Não te deixam entrar com uma scooter. Este trilho é apenas para caminhantes, ciclistas ou pessoas a cavalo. E, excepcionalmente, como hoje, para carros da polícia. E talvez seja pelo calor, mas a verdade é que, sem contar com um camponês que vimos ao longe, o ladrão, a Quitéria e o teu pai, não vimos mais ninguém. Pablo estava a sentir-se sozinho.

O mesmo Pablo que não tinha feito mais nada além de sorrir o tempo todo. Ao ouvir o seu nome, finalmente falou:

—Irene, como é bonita. Posso andar nela?

—Claro. Vocês não gostavam de tirar a carta? Deve faltar pouco para o vosso aniversário, não é? Haverá por aqui outro caminho sem carros, onde possamos praticar?

—Sim, logo na entrada do trilho. Não tem alcatrão, não é muito longe, mas também não tem trânsito.

—Então amanhã ensino-vos. Vamos os três praticar. Vai ser ótimo!

Amélia, interrompida pelo insistente latido de um Sócrates faminto, acabou com a conversa.

—Vamos, vamos voltar. António, Rosa e a pequena Blanca estão à nossa espera no parque de campismo para o jantar. Temos que montar duas churrasqueiras: eles trouxeram costeletas e nós temos peixe. Certamente

que estão todos cansados e com fome. Então venham, entrem todos. Guardem as bicicletas e vamos. Mas que dia!

—Vamos. Eu volto na scooter, porque não cabe aí dentro. Pensem que vou a escoltar-vos como se fossem reis — brincou Irene — Saúde ao rei Pablo, glória à rainha Virgínia! Vamos embora.

Jorge talvez fosse quem estava mais feliz com este final de férias. Adorava ver os filhos felizes. E com Irene Duas Rodas, aquela miúda bem-disposta que parecia saída de um filme de ação, eles estavam mesmo felizes, sem dúvida nenhuma.

A noite passou tranquila. Apesar de Irene, Pablo e Virgínia terem muito que conversar, estavam muito cansados de tanto exercício e de tanta emoção. Então, depois do jantar, adormeceram todos. Teriam tempo para conversar no dia seguinte.

Acordaram renovados e tomaram um pequeno-almoço reforçado. Irene, encantada com o seu ciclomotor, queria ensinar aos gémeos tudo o que tinha aprendido. Mas eles, que naquela altura não tinham pressa para também terem uma, propuseram que fossem à cidade. Precisamente naquele dia passava A Volta em Bicicleta e eles não queriam perdê-la.

Por isso, depois do pequeno-almoço, iniciaram o caminho por uma estrada, já que com as bicicletas e o ciclomotor, nenhum deles poderia circular em autoestradas e vias rápidas. Apesar do calor, Irene usava botas desportivas e roupas acolchoadas.

—A pele é muito frágil — dizia —, é melhor usar roupa que não se cole ao corpo e que me proteja bem, caso eu caia.

O trajeto foi muito agradável, indo todos pela via da direita. Aproximavam-se nas curvas e quando se cruzavam com outros veículos que transitavam por ali. Irene desacelerou o suficiente para não ficar longe dos gémeos, que iam nas bicicletas. Quando pararam, disse-lhes:

—Estão a ver? A principal diferença entre conduzir um ciclomotor e uma bicicleta é que, com o primeiro nunca devemos tirar as mãos do guidador.

Para sinalizar as manobras, utilizamos sinais de luz, com antecedência e de forma clara. É que o ciclomotor é muito mais leve do que parece, e se conduzirmos só com uma mão, fica instável e facilmente podemos cair. E cair de uma bicicleta e de um ciclomotor é muito diferente, com o segundo é muito pior.

Na entrada da cidade havia uma grande rotunda. Pablo ficou curioso.

—Posso fazer-te uma pergunta, Irene? É que eu não compreendo muito bem as rotundas. Quando é que sabes que deves esperar? E quando não precisas de esperar e podes entrar diretamente?

—O que deves ter bem claro é que nunca se atravessam as rotundas em linha reta, mas sim dando a volta, com o centro à nossa esquerda. Os veículos que já estão nela têm prioridade, por isso, deves dar passagem aos que já estão a circular. Depois entras tu, percebeste?

—Eu percebi, mas muitos condutores parecem achar difícil.

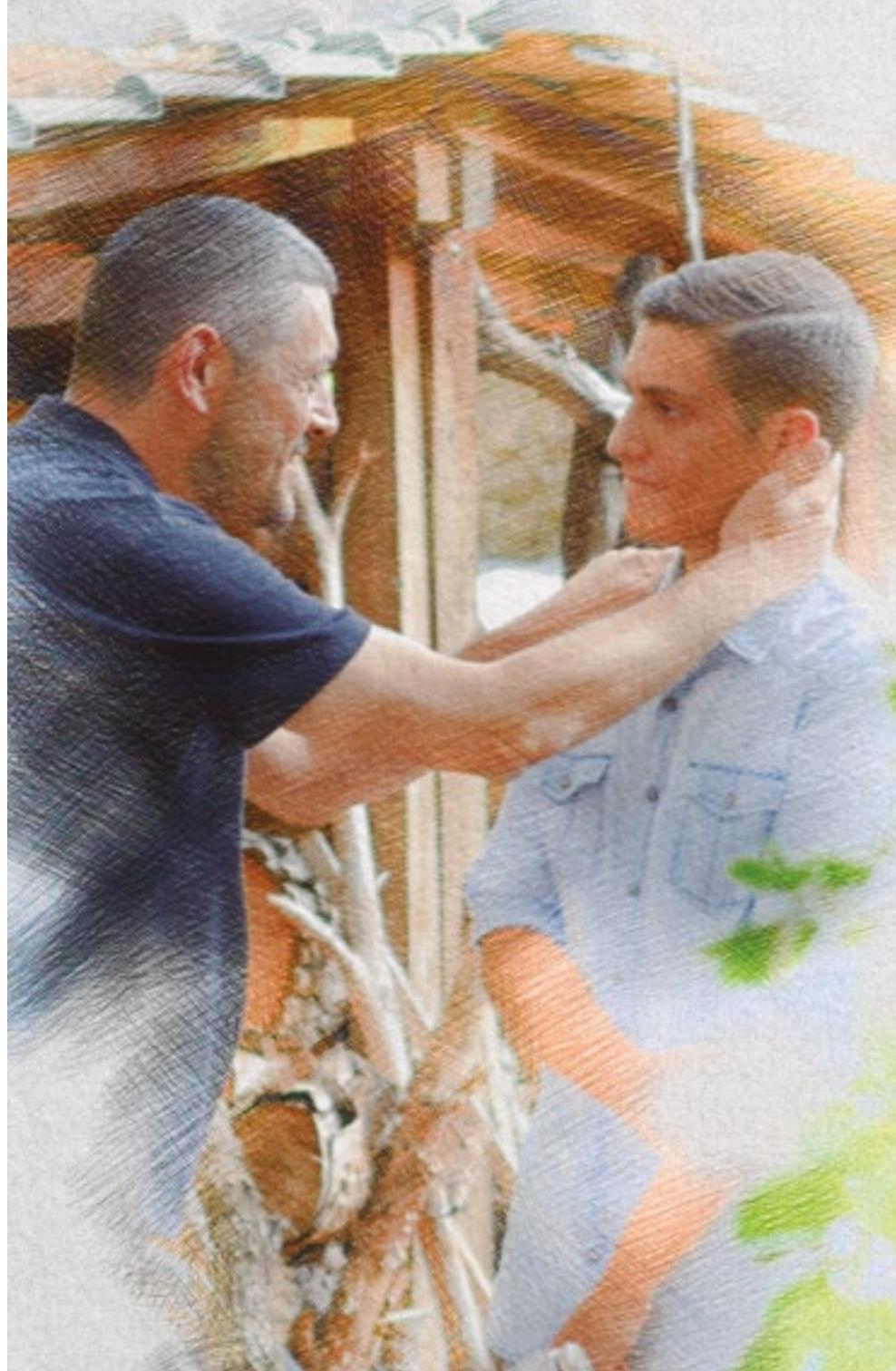
—Bem, não é muito difícil, é como se tivéssemos um sinal vermelho à nossa frente. Antes de entrar, temos que parar e deixar passar os outros. E quando entramos, somos nós que temos prioridade.

—Eu acho que a ultrapassagem é a manobra mais perigosa — continuou Irene — devemos fazê-la sempre pela esquerda, a menos que o veículo à nossa frente sinalize que irá mudar de direção. Fico atrás do veículo, ligeiramente à esquerda e a uma distância prudente; então olho para trás e para a frente, confirmo que não vem ninguém, sinalizo a manobra e acelero, afastando-me o mais possível do veículo da frente. E depois pouco a pouco retomo a faixa da direita. Mas muitas vezes fico para trás. Quando tenho dúvidas ou não tenho visibilidade, por segurança nem penso em ultrapassar.

—Que aula me deste, Irene! Pareces uma escola de condução ambulante, ah! ah! ah! Muito obrigado, agora ficou tudo mais claro para mim.

De repente, Pablo mudou de semblante, parecia um pouco triste.

—Estive a pensar... já temos poucos dias de férias... Depois de amanhã teremos que voltar. Mas, pelo menos não vamos deixar de nos ver. Menos mal! — exclamou ele.



Mas no ar já soprava o vento das despedidas, e nos olhares estava a pressa de viver com intensidade esses últimos momentos juntos. Esperaram alguns minutos até que a serpente multicolorida dos ciclistas concorrentes passou diante dos seus olhos. À sua volta era só diversão e alegria. Gritos de incentivo, cartazes, fotografias. E quando todos estavam concentrados a ver a corrida, num gesto ousado Pablo beijou Irene na bochecha, de repente e sem aviso prévio.

—Gosto muito de ti, Irene. Não quero que nos separemos nunca.

—E eu de ti, capitão. Meu capitão.

—Ouve, gostei muito de todos os acontecimentos relacionados com os mistérios e investigações. Quando crescer, quero ser polícia. Quando voltaremos a investigar?

—Ah! ah! ah! Em breve, com certeza o meu pai vai recrutar-te. Tu és o melhor.

Naquela noite tiveram mais uma novidade, já que todos os adultos se tinham encarregado de preparar uma festa surpresa no parque de campismo. Uma festa onde não faltou música, um delicioso churrasco, bebidas e disfarces. Foram todos vestidos de cowboys. E todos aplaudiram quando viram aparecer os disfarces mais originais da noite, de Irene e da sua pequena prima Blanca, as duas cobertas de cabelo. Diziam que eram o Zé Colmeia e o seu amigo Catatau.

—Haverá por aí algum bolo para nós? — perguntaram ao chegar.

—No meio da festa, Pablo aproximou-se de Tomás, o pai de Irene, com um ar enigmático, aproveitando um momento em que o encontrou sozinho.

—Como vai a investigação sobre o contrabandista? Já acabou? É que eu acho que sei onde podem encontrar as joias que mencionou. São importantes para o caso?

—Fundamentais, pois assim ele sairia muito mais tarde da prisão, onde deve estar.

—Antes de sairmos, alguém mexeu na terra por baixo da macieira da nossa casa, eu vi. Duas vezes. E, naquele dia, a minha mãe não esteve a trabalhar no jardim. Será que ele enterrou lá as joias?

—Hmm... No vosso jardim e não no da Quitéria? Claro! Eu revirei tudo, mas não encontrei nada na nossa casa. Ele suspeitava que eu fizesse isso e pareceu-lhe mais seguro deixá-las no vosso jardim. Por baixo da macieira, foi o que disseste? Vou procurá-las amanhã. Bons dotes de observação, miúdo. Já pensaste em seres polícia? Eu acho que podes vir a sê-lo. Ah, e outro assunto importante: se quiseres, podes ficar com o cachorrinho.

—Com o Sócrates?

—Sim, informei-me sobre o cão a pedido da Irene. Perguntei na escola onde os treinamos: era um dos nossos cachorros, escapou de uma ninhada de seis. Esperamos sempre que cresçam um pouco para os identificarmos, por isso ainda não tinha o microchip. No início não deram pela falta dele e, quando perceberam, pensaram que, sozinho, não poderia sobreviver e já teria morrido. Fico feliz que não tenha sido assim. Resolvemos outro mistério, mas queres ficar com ele?

—Podia fazer-nos esse favor, a sério? Os meus pais é que vão decidir, mas afeiçoámo-nos todos ao Sócrates. Especialmente a Virgínia. Se lho tirassem agora, seria um grande desgosto.

—Não te preocupes. Vou falar com o teu pai. Se o quiserem, é vosso.

—O meu filho mais velho é ou não um “faz tudo”? — disse Quitéria, aparecendo de repente, como de costume.

—Claro! — disse Pablo.

—Menos para mim, pois espanta todos os namorados que arranjo, ah! ah! ah! O bom partido que era esse bandido: contrabando, fábrica ilegal, joias, glamour...

Todos riram, e a festa continuou ainda com mais animação. Quando escureceu, decidiram acender umas luzes que tinham pendurado entre as autocaravanas. Esta iluminação permitiu a Pablo contemplar, de longe, como Virgínia agradecia a Tomás por a deixar ficar com o Sócrates e como Jorge o envolvia num abraço longo e cordial. Tinham marcado um próximo encontro das duas famílias na casa da Quitéria. Tinham muito que conversar.

Ao fim de meia hora apareceu Irene, radiante. Tinha trocado a fantasia de Zé Colmeia por um vestido branco e vinha disposta a dançar com

Pablo. E este, ao vê-la chegar tão bonita, sentiu que, de repente, desaparecia tudo à sua volta. Pensou em como mudou durante estas férias tão intensas. O verão em que não parou um segundo: o seu novo animal de estimação, os pais, a irmã e o seu novo amor, a sua Irene Duas Rodas, que para ele pressupunha todo um mundo novo de aventuras, ação e emoção, a que não renunciaria a partir de agora.

Concluiu, então, que a vida, a sua própria vida, poderia ser como um videogame alucinante e cheio de surpresas. Decidiu que não se isolaria mais no seu quarto, à frente de um ecrã que não podia ouvi-lo, nem o compreender, que não o protegia, nem lhe dava esse calor e essa alegria que só as pessoas lhe davam. Por isso, na casa dos Manzanedo, naquele outono, os videogames ficaram esquecidos e foram substituídos pela intensa presença de Irene e por longas tardes de estudo e conversa.

Ángeles Prieto Barba, nascida em Cádiz, é formada em Serviço Social e em História. Assumiu o cargo de Coordenadora Regional de Educação Rodoviária no Departamento de Trânsito de Cádiz em 2001. Atualmente leciona nesta área em diferentes escolas desta região.

Publica periodicamente ensaios, artigos, resumos literários e contos.

Mario Miranda, nascido em Socovos (Albacete), é fotógrafo, músico e diretor de projetos culturais na La Llave. Gestión y producción cultural.

Desde cedo que sente a necessidade de andar com uma máquina fotográfica ao ombro e, no início de 2002, decidiu dedicar-se integralmente à fotografia. Em 2008, começou a estudar Direção de Fotografia na escola de cinema "Ciudad de la Luz" em Alicante.

Já foi reconhecido com inúmeros prémios, entre os quais o Prémio Intenacional de Fotografia FITUR 2014.

Sonia Salvador Vicente, nascida em Albacete, é bacharel em Direito, pós-graduada em Tecnologia Digital e é mestre em Arquivologia.

Encontrou muito cedo, na sua máquina fotográfica, uma aliada perfeita para satisfazer as suas inquietações artísticas. Era praticamente uma criança quando ganhou o seu primeiro concurso de fotografia. Depois disso, vieram muitos outros. Exposições individuais e coletivas são já uma constante na vida artística de Sonia.



Continua a
aprender connosco
Descobre aqui!



Fundación **M**APFRE

Validação Técnico-pedagógica



REPÚBLICA
PORTUGUESA

educação



Revisão Técnica



associação
para a promoção
da segurança infantil

www.fundacionmapfre.org